



Metidines in my mind (fragmento). Fotografia de Luis Amézquita

***Salão de beleza:* Biopolítica e enfrentamento**

Matheus Taylor

Universidad Federal de Uberlandia, Brasil

Resumo

Propõe-se um olhar sobre a obra *Salón de belleza* de Mario Bellatin, na qual um cabeleireiro narra a transformação de seu salão de beleza em um *moridero*, espaço que desafia o padrão de vida normatizado de sua comunidade e ressignifica o conceito de belo ao ligá-lo à morte. Analisa-se o *moridero* como uma experiência de transfiguração da angústia em erotismo. O estudo inspira-se nas teorias de Roberto Espósito sobre os vínculos comunitários e a imunização; de Michel Foucault sobre biopolítica; Georges Bataille sobre o erotismo e de Norbert Elias sobre o encobrimento da morte na formação da sociedade ocidental moderna. Por fim, propõe-se a ampliação do conceito filosófico de biopolítica pela literatura.

Palavras-chave

Biopolítica, morte, enfrentamento, Bellatin.



Robinson's dream. Fotografía de Luis Amézquita

Salón de belleza: Biopolítica y enfrentamiento

Resumen

Se propone una mirada sobre la obra *Salón de belleza* de Mario Bellatín, en la cual un peluquero narra la transformación de su salón de belleza en un moridero, espacio que desafía el patrón de vida normalizado de su comunidad y resignifica el concepto de bello conectándolo con la muerte. Se analiza el moridero como una experiencia de transfiguración de la angustia en erotismo. El estudio se inspira en las teorías de Roberto Esposito sobre los vínculos comunitarios y la inmunización; de Michel Foucault sobre biopolítica; de Georges Bataille sobre el erotismo y de Norbert Elias sobre el encubrimiento de la muerte en la formación de la sociedad occidental moderna. Además, se propone una ampliación del concepto filosófico de biopolítica por la literatura.

Palabras clave

Biopolítica, muerte, enfrentamiento, Bellatín.

1. Introdução

A literatura nos permite novos olhares para elementos considerados cotidianos. Tal possibilidade parte do contato que nos é oferecido pela a escrita, a qual é capaz de causar no leitor as mais diversas emoções por meio de um refinado trabalho com a palavra.

Nesse sentido, o presente trabalho tratará do modo como o autor Mario Bellatin utiliza elementos ditos transgressivos como forma de enfrentamento da morte e dos instrumentos biopolíticos que perpassam situações cotidianas, apontando na obra do referido autor como essas experiências podem se dar na tentativa de controle da vida e dos impulsos humanos, bem como casos em que se dá o enfrentamento desses mecanismos de controle.

2. O conceito de biopolítica

O conceito de biopolítica é definido pelo filósofo italiano Roberto Esposito (2009) como as políticas que regem o funcionamento da vida, principalmente pelo uso dos discursos médico e legal, responsáveis por ditar determinados padrões de conduta, muitas vezes, contestáveis. Antes que se inicie a discussão a respeito da biopolítica propriamente dita, é interessante que, conforme propõe o autor, seja dada atenção ao conceito moderno de política:

Todo concepto político posee una parte iluminada, inmediatamente visible, pero también una zona oscura, que sólo se dibuja por contraste con la de la luz. Puede decirse que la reflexión política moderna, deslumbrada por esa luz, ha perdido completamente de vista la zona de sombra que recorta los conceptos políticos y que no coincide con el significado manifesto de éstos. Mientras este significado es siempre unívoco, unilineal, cerrado sobre sí mismo, el horizonte de sentido, en cambio, es mucho más amplio, complejo, ambivalente, capaz de contener elementos recíprocamente contradictorios (Esposito, 2009: 11).

O autor destaca a existência de um lado iluminado e de outro que fica na penumbra quando se fala de qualquer conceito político, e é sobre essa zona, muitas vezes obscura, que se pretende despender um pouco mais de atenção. Especialmente nos discursos da contemporaneidade, termos como democracia e liberdade costumam imperar como objetivos comuns. Essas tônicas de cunho



libertário se popularizam ainda pela intervenção em meios que até um passado recente eram considerados individuais, propondo uma socialização de opiniões e condutas, bem como de seu debate.

Essas intervenções na vida privada tendem, na contemporaneidade, a uma divisão quase cartesiana entre esquerda e direita. Localizar-se em um desses extremos seria, portanto, automaticamente, ser oposto ao outro, obrigando o sujeito a uma tomada de posição tendo em vista garantir sua liberdade e autonomia de pensamento, porém sem a desobediência do sistema político-ideológico de filiação ao qual tenha escolhido ou sido impelido a fazê-lo.

Ainda que algumas dessas tendências afirmem ter como eixo central conferir liberdade e voz para determinados grupos, o próprio ato de permitir a liberdade carrega em si um fundo de controle sobre a vida. Michel Foucault aponta que esse controle perpassa até mesmo por ideologias concernentes ao próprio corpo:

Minha hipótese é que com o capitalismo não se deu a passagem de uma medicina coletiva para uma medicina privada, mas justamente o contrário: que o capitalismo, desenvolvendo-se em fins do século XVIII e início do século XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou ideologia, mas começa no corpo. Foi no biológico no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica (Foucault, 1979: 47).

Essa inserção do homem no mundo do trabalho já pode ser vista como uma forma de controle se consideramos o trabalho, conforme propõe Georges Bataille (2014), como pertencente ao mundo da razão e, por tanto da obediência. Porém, conforme afirma o autor, o trabalho não é capaz de absorver o indivíduo por completo, o que, nesse caso, tornaria o controle da razão sobre a violência e animalidade da natureza humana como algo limitado:

O mundo do trabalho e da razão é a base da vida humana, mas o trabalho não nos absorve inteiramente e, se a razão comanda, nossa obediência nunca é ilimitada. Por sua atividade, o homem edificou o mundo racional, mas sempre subsiste nele

um fundo de violência e, por mais razoáveis que nos tornemos, uma violência pode nos dominar de novo que não é mais a violência natural, que é a violência de um ser de razão, que tentou obedecer, mas sucumbe ao movimento que nele mesmo não pode reduzir à razão (Bataille, 2014: 63).

Dessa forma, a socialização do corpo como forma de produção fez com que surgisse também um interesse pelo controle desse objeto, principalmente tendo em vista o modo limitado percebido na domesticação da violência pelo trabalho e a razão. O controle do corpo deu-se das mais distintas formas, como poderia ser exemplificado de maneira introdutória pelo que acontece com um jovem forçado a transportar drogas em seu corpo para sobreviver, retratado na ficção *Salón de Belleza*, de Bellatin:

Antes de que su enfermedad avanzara hasta dejarlo en un estado de delirio constante, me contó que sus frecuentes viajes no eran solamente viajes de placer, sino que tenía como misión transportar drogas ocultas en su cuerpo. Me explicó, en detalle, los métodos que utilizaba para adherírsela. Utilizaba para hacerlo unos métodos que me llegaron a causar repulsión. Me conmovió la forma en que alguien tan bello había sido utilizado de ese modo por su amante (Bellatin, 2013: 26-27).

Além da ficção, alguns fatos históricos podem também ajudar a trazer luz sobre os discursos médico e jurídico enquanto instrumentos de dominação do corpo e da vida. Em menor escala, o discurso médico pode ditar, por exemplo, se determinados alimentos devem ou não ser consumidos por um indivíduo que deseja manter a integridade do corpo. Em outros momentos da história esse mesmo discurso foi responsável por ditar quem merecia a vida ou a morte, na busca pela manutenção de uma raça pura, como aconteceu durante o regime nazista na Alemanha, fazendo do *“entramado que en aquellos terribles 12 años se produjo entre política, derecho y medicina, un callejón cuya única salida fue el genocidio”* (Esposito, 2009: 145).

Portanto, como já afirmado anteriormente, é necessário que lancemos luz sobre o lado escuro dessas questões e, nesse sentido, a literatura se apresenta como um instrumento capaz de ampliar consideravelmente as possibilidades de percepção e análise dessas situações.



3. Elementos biopolíticos na obra *Salón de Belleza*

Pensar a literatura abre novas possibilidades de percepção para elementos do cotidiano como parte do movimento de fruição. Nesse sentido, obras como *Salón de Belleza* (2013), de Mario Bellatin, podem servir como portas de entrada para um mundo de novas experiências e reflexões proporcionadas pelo trabalho estético com a palavra. Desse modo, o que se apresenta a seguir é uma dessas possibilidades reflexivas adquiridas pela análise da referida obra do autor sob o viés da biopolítica.

O enredo da obra *Salón de Belleza* dá-se a partir da construção de uma trama narrada em primeira pessoa, o que evidencia o papel do narrador também como personagem quem relata sua história. Por meio desse artifício narrativo, faz-se conhecer um cabeleireiro, o qual narra o modo como seu salão de beleza transformou-se no que ele denominará *moridero*, ou seja, “convertirse en un lugar usado exclusivamente para morir en compañía” (Bellatin, 2009: 23) onde homens moribundos podem ir para esperar pela morte, passando pela convalescência como um ato natural à finitude do ser humano.

Esse ambiente construído pelo autor mostra-se como um espaço de complexas transformações, as quais transfiguram o conceito de belo, antes aplicado ao cuidado estético fornecido pelo salão às clientes, a um novo patamar onde a morte e sua espera são parte da vida. Em diversos momentos da obra notam-se contrastes entre o que o salão havia sido e no que havia se transformado, como pode ser visto no fragmento a seguir:

Del salón de belleza quedan los guantes de jebe, la mayoría con huecos en las puntas de los dedos. También las vasijas, los ganchos y los carritos donde se transportaban los cosméticos. Las secadoras, así como los sillones reclinables para el lavado del pelo los vendí para obtener los implementos necesarios para la nueva etapa en la que ha entrado el salón. Con la venta de los objetos destinados a la belleza compré colchones de paja, catres de fierro y una cocina a kerosene. Un elemento muy importante que deseché en forma radical fueron los espejos que en ese momento habían multiplicado con sus reflejos los acuarios, así como la transformación de las clientas a medida que se sometían a los distintos tratamientos que se les ofrecían. A pesar de que me parece estar acostumbrado a ese ambiente, creo que

para cualquiera sería ahora insoportable multiplicar la agonía hasta ese extraño infinito que producen los espejos puestos uno frente al otro (Bellatin, 2013: 20-21).

Tais estruturas contrastivas são responsáveis por conferir maior viveza de detalhes a essa estética, a qual cria um espaço capaz de apresentar ao leitor diversos sentimentos e sensações que se confundem conforme as memórias do narrador, por vezes emaranhadas, desvelam um cenário totalmente transformado, o qual pode ser definido como transgressor por desafiar regras e convenções sociais, principalmente em relação ao contato dos vivos com os moribundos. Toma-se aqui o termo transgressão no sentido conferido por Georges Bataille:

A transgressão organizada forma como interdito um conjunto que define a vida social. A frequência —e a regularidade— das transgressões não invalida a firmeza intangível do interdito, do qual ela é sempre o complemento esperado, como um movimento de diástole completa um movimento de sístole, ou como uma explosão é provocada por uma compressão que a precede. Longe de obedecer à explosão, a compressão a excita. Essa verdade parece nova, embora seja fundada na experiência imemorial. Mas ela é bem contrária ao mundo do discurso do qual a ciência deriva. É por isso que só a encontramos tardiamente enunciada (Bataille, 2014: 89).

Esse movimento transgressor fica claro na obra de Bellatin quando se nota o modo como o autor, na contramão do projeto higienizado de sociedade —o qual ordena um lugar periférico para a morte ou seus presságios— propõe um personagem que abraça a morte e os moribundos de forma visceral sem dar importância ao modo como essas figuras são vistas e aos lugares que ocupam na sociedade.

A morte recebeu um lugar afastado no processo de modernidade da sociedade ocidental, assim como quem faz lembrar a ela como enfermos, moribundos e amputados, os quais são encarados como seu prenúncio. Porém, essa figura que se instaura no imaginário popular não o faz de maneira inocente, o estímulo ao medo da figura da morte é utilizado há muito como instrumento de domesticação, como demonstra Norbert Elias:



O medo da punição depois da morte e a angústia em relação à salvação da alma se apossam de ricos e pobres, sem aviso prévio. Como garantia, os príncipes sustentavam igrejas e mosteiros; os pobres rezavam e se arrependiam (Elias, 2001: 23).

Portanto, é possível perceber que, na antiguidade, a Igreja já havia descoberto o poder de controle do medo da morte sobre o indivíduo. Dessa forma, um leitor ingênuo poderia supor que com o advento do Iluminismo e a valorização do pensamento científico esse instrumento de dominação eclesiástico teria caído no ostracismo. Residiria nessa linha de pensamento um grande engano. A desmistificação de muitos conceitos antes atribuídos a divindades fez com que especialmente as ciências médicas passassem a ser vistas como novas possibilidades mais sólidas de legitimação de discursos de controle. Para que tal fato possa ser percebido com maior clareza faz-se necessário mais uma vez tomar como exemplo o papel da medicina durante o nazismo, conforme demonstra Esposito:

¿Por qué la medicina fue la profesión que, en mucho [...] mayor medida que el resto, concedió una adhesión incondicional al régimen? ¿Y por qué el régimen confirió a los médicos un poder sobre la vida y la muerte tan enorme? ¿Por qué pareció confiar al médico el cetro del soberano e, incluso, el libro del sacerdote? Cuando Gerhard Wagner, el Führer de los médicos alemanes antes que Leonardo Conti, dice que el médico volverá a ser lo que han sido los médicos del pasado, volverá a ser sacerdote; el médico-sacerdote no hará sino afirmar que a él, y sólo a él, compete en última instancia el juicio sobre quién ha de mantener la vida y quién ha de ser expulsado a la muerte. Que los médicos, y sólo ellos, son los que posee la definición de la vida válida —aquella provista de valor— y, de este modo, el poder de fijar los límites más allá de los cuales la vida puede ser legítimamente expulsada (Esposito, 2009: 146).

Dessa forma, ao se observar o espaço do moridero criado por Bellatin, é possível perceber que esse espaço transgride duplamente os mecanismos de dominação biopolítica apresentados. Seja em um primeiro momento, ao negar a entrada de medicamentos:

Como creo haber dicho en algún momento, los médicos y las medicinas están prohibidos. También las yerbas medicina-

les, los curanderos y el apoyo moral de los amigos o familiares. En ese aspecto las reglas del Moridero son inflexibles (Bellatin, 2013: 32).

Ou ainda quando nega a participação da religião no cuidado com seus hóspedes:

Sin embargo, debo ser fiel a las razones originales que tuvo este Moridero. No a la manera de las Hermanas de la Caridad, que apenas se enteraron de nuestra existencia quisieron asistirnos con trabajo y oraciones piadosas. Aquí nadie está cumpliendo ningún tipo de sacerdocio. La labor que se hace obedece a un sentido más humano, más práctico y real. Hay otra regla, que no he mencionado por temor a que me censuren, y es que en el Moridero están prohibidos los crucifijos, las estampas y las oraciones de cualquier tipo (Bellatin, 2013: 67).

Em ambos os casos fica claro o modo como o narrador tenta blindar o ambiente criado por ele contra interferências passíveis de desviá-lo de seu objetivo inicial, que é a espera digna e consciente pela morte iminente. Porém, ao longo do enredo, evidencia —se o modo como essas forças de controle intentam engendrar— se nesse espaço que foge ao padrão normatizado, o que se pretende demonstrar no capítulo a seguir.

4. Morte e enfrentamento

A criação de um espaço que rejeita a instauração do medo da morte e cede espaço para que o processo da convalescência seja natural, ou seja, sem o uso de medicamentos ou paliativos, causa estranhamento até mesmo no modo como o narrador afirma lidar com seus hóspedes:

Puede parecer difícil que me crean, pero ya casi no individualizo a los huéspedes. Ha llegado un estado en el que todos son iguales para mí. Al principio los reconocía. Incluso una que otra vez llegué a encariñarme con alguno. Pero ahora no son más que cuerpos en trance hacia la desaparición (Bellatin, 2013: 26).

A visão adotada demonstra que ele passa a perceber a morte como formadora da vida, sem tanto receio da finitude nesse primeiro momento, superando assim o medo de seu próprio fim repre-



sentado no outro, conforme afirma Bataille ao lembrar que o ser humano percebe a morte de forma diferente dos outros animais:

[...] o que chamamos morte é em primeiro lugar a consciência que temos dela. Percebemos a passagem do estado vivo ao cadáver, ou seja, ao objeto angustiante que é para o homem o cadáver de outro homem. Para cada um daqueles que fascina, o cadáver é a imagem de seu destino (Bataille, 2014: 68).

Tal experiência também se configura como um símbolo de resistência, pois o narrador-protagonista encara a morte como parte integrante da vida, tal qual propõe Elias:

Há diversas maneiras de lidar com que o fato de que todas as vidas, incluídas as de pessoas que amamos, tem um fim. O fim da vida humana, que chamamos de morte, pode ser mitologizado pela ideia de outra vida no Hades ou no Valhalla, no Inferno ou no Paraíso. Essa é a forma mais antiga e comum dos humanos enfrentarem a finitude da vida. Podemos tentar evitar a ideia da morte afastando-a de nós tanto quanto possível —encobrendo e reprimindo a ideia indesejada— ou assumindo uma crença inabalável em nossa própria imortalidade: “os outros morrem, eu não”. Há uma forte tendência nesse sentido nas sociedades avançadas de nossos dias. Finalmente podemos encarar a morte como um fato de nossa existência; podemos ajustar nossas vidas, e particularmente nosso comportamento às outras pessoas, à duração limitada de cada vida (Elias, 2001: 7).

A obra de Bellatin tem uma grande reviravolta quando o narrador revela estar infectado com a mesma doença não nomeada, a qual matou os amigos com quem convivia no salão, e determinou a transformação do ambiente. Em meio a esse espaço de aparência absurda, principalmente se observado por uma pessoa que goze de plena saúde, o qual já parecia familiar ao narrador, a descoberta de sua doença provoca uma transformação pessoal:

Las heridas de mis mejillas se extendieron pronto por todo el cuerpo. Yo sabía que era preferible no frotarlas con los dedos. Tampoco tratarlas con ninguna crema. Me habían contado de los efectos que producían la cortisona sobre este tipo de úlcera. Al principio las curaba por completo, pero al cabo de una semana aparecían con más fuerza que nunca. Logré resignarme

y traté de lucir las llagas con orgullo. Noté algunas reacciones, principalmente entre los familiares de los huéspedes que llegaban hasta el salón. Se trataba de un primer impacto que luego disimulaban creyendo seguramente que yo no me daba cuenta. Esta nueva condición de mi cuerpo me sirvió para retirarme definitivamente de la vida pública (Bellatín, 2013: 68).

Em um primeiro momento pode parecer que a decisão de não sair de casa representa vergonha por suas chagas que se tornavam mais evidentes a cada dia, porém é possível perceber que o personagem decide seguir resistindo dentro de seu espaço, pois o simples presságio de enfermidade é responsável por causar grande estranhamento entre os sãos em sua busca por deixar tudo aquilo que anuncia a morte à margem da vida em comum. Esse modelo de vida não normatizado é responsável por transmitir a ideia de enfrentamento da morte como experiência necessária e digna. A ficção de Bellatín retrata a imunização da morte, como no fragmento a seguir:

La campana que se desató en mi contra fue bastante desproporcionada. Tanto que, cuando la gente quiso quemar el salón tuvo que intervenir hasta la misma policía. Los vecinos afirmaban que aquel lugar era un foco infeccioso, que la peste había ido a instalarse en mis dominios. Se organizaron y la primera vez que supe de ellos fue por una comisión que apreció en la puerta con un documento donde habían firmado en una larga lista. Pude leer que pedían que desalojáramos el local de inmediato. Después la junta se encargaría de echar fuego, pienso que como símbolo de purificación (Bellatín, 2013: 38).

A destruição do ambiente exige, como o narrador aponta, a “purificação” do local como forma de afastar todo e qualquer perigo que possa atentar contra os sãos. Dessa forma a decisão do personagem pela manutenção do local aponta uma das muitas formas de contestação presentes na obra que desafiam os instrumentos biopolíticos, responsáveis pela escolha de quem merece morrer e assim retiram do indivíduo a escolha de seu próprio destino.

Nesse sentido, a ordem proposta dentro do ambiente parece sofrer muitos questionamentos, como aponta o narrador, inclusive quanto à escolha de seus hóspedes:



Uno de los momentos de crisis por los que atravesó el Moridero fue cuando acudieron mujeres a pedir alojamientos para morir. Venían hasta la puerta en pésimas condiciones. Algunas traían en sus brazos a sus pequeños hijos, también atacados por el mal. Pero yo desde el primer momento me mostré inflexible. El salón en algún tiempo había embellecido hasta la saciedad a las mujeres, no estaba dispuesto a echar por la borda tantos años de trabajo sacrificado. Nunca acepté por eso a nadie que no fuero del sexo masculino. Por más que me rogaron una y otra vez. Por más que me ofrecieron dinero nunca dije que sí. En un principio, cuando estaba a solas, me ponía a pensar en aquellas mujeres que tendrían que morir en la calle con sus hijos a cuestas. Pero ya había sido testigo ya de tantas muertes, que comprendí muy pronto que no podía echar sobre mis espaldas toda la responsabilidad de las personas enfermas (Bellatin, 2013: 37).

O fato de não receber mulheres demonstra como o cabeleireiro traça um objetivo ainda maior para o seu projeto do *moridero* e que foge ao mero acaso. Em muitas culturas primitivas a figura feminina é vista como símbolo de fertilidade e, portanto, de continuidade da vida. Permitir a permanência de mulheres e seus filhos nesse sentido seria o mesmo que permitir a entrada e possibilidade de florescimento da vida em um ambiente onde deve imperar a exclusiva espera pela morte iminente.

Na fidelidade para com a finalidade do *moridero*, não só as mulheres são excluídas do seu interior, mas também os jovens que ainda passam pela enfermidade em seu processo inicial:

Algunas veces, muchachos jóvenes y vigorosos tocaron las puertas. Aseguraban que estaban enfermos, e incluso llevaban consigo los resultados de los análisis que lo certificaban. Viéndolos en aquellas condiciones físicas, era fácil imaginárselos desnudos o realizando ejercicios corporales. Nadie podría pensar que la muerte ya los había elegido. Pero, aunque sus cuerpos parecían intactos, sus mentes daban la impresión de haber aceptado ya la pronta desaparición. Querían a toda costa ser huéspedes del Moridero. Se ofrecían, incluso, para ayudarme en la regencia. Yo tenía que sacar la misma fuerza que mostraba delante de las mujeres que pedían hospedaje y decirles que regresaran meses después. Que no volvieran a tocar las puertas sino hasta cuando sus cuerpos fueran irreconocibles. Con los achaques y la enfermedad desarrollada. Con esos ojos que yo ya conocía. Sólo

cuando ya no pudieran más, les era permitido volver. Únicamente así podían aspirar a la categoría de huéspedes. Recién entonces se pondrían en juego las verdaderas reglas que he ideado para el correcto funcionamiento del salón. Era sorprendente ver que este tipo de huésped, el que había tocado las puertas sano para ser aceptado tiempos después, era el más agradecido con los cuidados (Bellatin, 2013: 56-57).

Ao não aceitar os jovens que ainda estão no início de sua enfermidade, o cabeleireiro mostra que a aceitação da morte dá-se em sua iminência. Dessa forma os jovens que batem à sua porta ainda sem sinais da enfermidade tornam-se os hóspedes mais gratos ao perceber que puderam viver suas vidas com plenitude enquanto gozavam de saúde e agora se veem também no momento de viver a convalescência como parte da vida, até que possam encontrar-se com a morte, a qual, nesse sentido, é também formadora do ciclo da vida, fazendo-o de forma digna e natural.

Foucault fala a respeito dos mecanismos biopolíticos que ditam quem merece viver e quem merece morrer devido à sua preocupação com o controle do corpo e, de acordo com Antônio Cavalcanti Maia:

No início de *Vigiar e punir* lê-se: “[...] o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder tem alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais”. Por conseguinte, devemos ter em mente que a genealogia do poder focaliza o corpo como um objeto privilegiado de análise e preocupação (Maia, 2003: 80).

Bellatin coloca em xeque a questão da obrigatoriedade de manutenção sofrida por uma vida desenganada. Assim, sua literatura amplia o conceito de biopolítica. Isso se dá pela maneira como o autor consegue trazer à tona a discussão sobre o modo como a biopolítica interfere na vida e no corpo dos indivíduos ao ditar quem merece ou não viver, em consonância com os apontamentos de Foucault, porém, com a proposta de uma nova reflexão sobre a obrigatoriedade da vida, trazendo à tona o tema da eutanásia. Nesse sentido, a proibição imposta ao moribundo que agoniza é também um instrumento biopolítico de dominação sobre o corpo e a vida.



Com a estratégia utilizada pelo cabeleireiro de criar um ambiente onde a morte possa ser esperada sem nenhuma espécie de autorização, essa realidade —a mais temida por todo ser humano— não é encoberta e sim desafiada, o que transgride totalmente as imposições biopolíticas e higienizadoras, como pode ser visto no fragmento a seguir, quando o personagem se recusa a encobrir suas feridas:

En honor a la verdad debo decir que las heridas que aparecen en mi cuerpo no es lo más grave que me sucede. En casos extremos, ante la inminencia de una aventura amorosa, por ejemplo, siempre está el recurso del maquillaje. Una base de color carne sería suficiente para hacer desaparecer las fastidiosas heridas. El maquillaje y la ayuda de una luz tenue (Bellatin, 2013: 75).

O fato de não esconder suas feridas mostra como o personagem não deseja encobrir a morte que se aproxima, abrindo espaço em sua vida para o fim e integrando assim parte também do *mori-dero*, sua obra final. Outro episódio onde também evidente tal fato é quando ocorre um envolvimento amoroso com um dos hóspedes por parte do cabeleireiro:

Me emocionó constatar que aquel muchacho no fue ajeno a mis preocupaciones. De alguna forma me demostró también su cariño. Incluso un par de veces estuve en una situación íntima con aquel cuerpo deshecho. No me importaron las costillas protuberantes, la piel seca, ni siquiera esos ojos desquiciados en los que curiosamente había aún lugar para el placer (Bellatin, 2013: 27).

Quando se pensa na biopolítica que impõe o afastamento dos corpos moribundos, o envolvimento sexual do cabeleireiro com um de seus hóspedes revela uma aproximação transgressora da morte de maneira visceral, tendo em vista o modo como o estado de gozo é percebido. De acordo com Bataille:

Da reprodução sexuada eu disse que os seus aspectos objetivos eram no fim os mesmos da divisão cissípara. Mas se chegamos à experiência humana que temos no erotismo, estamos aparentemente afastados desses aspectos fundamentais dados na objetividade. Particularmente no erotismo, o nosso sentimento de pletora não está ligado à consciência de gerar. Mes-

mo em princípio, quanto mais o gozo erótico é pleno, menos estamos preocupados com a geração de filhos. Por outro lado, a tristeza que se segue ao espasmo final pode dar um antegosto da morte, mas a angústia da morte e a morte estão no polo oposto ao prazer. Se a aproximação dos aspectos objetivos da reprodução com a experiência interior dada no erotismo é possível, é porque ela repousa em uma outra coisa. Há um elemento fundamental: o fato objetivo da reprodução mostra no plano da interioridade o sentimento de si, do ser e dos limites do ser isolado. Ele mostra a descontinuidade à qual se liga necessariamente o sentimento de si porque é ela que dá os limites: o sentimento de si, mesmo vago, é o sentimento de um ser descontínuo. Mas nunca a descontinuidade é perfeita. Particularmente na sexualidade, o sentimento dos outros, para além do sentimento de si, introduz entre dois ou mais seres uma continuidade possível, opondo-se à descontinuidade inicial. Os outros na sexualidade não deixam de oferecer uma possibilidade de continuidade, não param de ameaçar, de propor a colocação de um grampo nas vestes sem costura da descontinuidade individual (Bataille, 2014: 127).

Dessa maneira incomum, o cabeleireiro tem em seu gozo com um moribundo uma sensação de continuidade de seu ser e de sua vida como plenos, ainda que esse êxtase momentâneo seja com um corpo que já se encontra, em sua maior parte, tomado pela morte. Eis então a inovadora proposta de experiência da morte como uma continuidade da vida, que por si só já seria considerada um elemento descontínuo na busca do ser incompleto por sua inteireza.

O processo de transformação do ambiente cria ainda um contraste interessante com o que antes ocorria ali quando, outrora, o cabeleireiro escondia o envelhecimento de suas clientes por meio de artifícios cosméticos. Quando o *moridero* era um salão de beleza, ele era responsável pela imunização da consciência de morte das idosas, mas, quando o salão de beleza se transforma em um *moridero*, ele mesmo passa a ser considerado um corpo que assume a morte. Portanto, a verdadeira transformação passa a ser das clientes do salão para os enfermos do *moridero*, o que atua como uma transfiguração do conceito de belo. Assim, tudo no interior do salão já não é o que parece, deixando agora vir à luz aquilo que o cabeleireiro ajudava suas clientes a esconder: a iminência da morte:



Otra situación similar la encontraba con algunas de las clientas que acudían en las buenas épocas al salón de belleza. La mayoría eran mujeres viejas o acabadas por la vida. Sin embargo, debajo de aquellos cutis gastados era visible una larga agonía que se vestía de una especie de esperanza en cada una de las visitas (Bellatin, 2013: 75).

Dessa forma, o salão de beleza torna-se não um instrumento de disfarce da finitude iminente, mas um memorial que abraça a finitude trazida pela morte e a evidencia. Esse exercício de abraçar a morte para ter uma vida digna faz com que a obra de Bellatin conteste o conceito escatológico de fuga da finitude, o que lhe confere uma característica única marcada pelo enfrentamento da morte e, assim, de mecanismos biopolíticos. Tal processo faz parte ainda de uma preocupação insistente do cabeleireiro em manter a memória do *moridero*; o que propomos aqui como uma “escultura” de si, ou seja, uma representação póstuma de seu trabalho que funcionaria como um memorial, conforme pode ser comprovado no trecho a seguir:

Lo que antes fue un lugar destinado estrictamente a la belleza, ahora se convertirá solamente a la muerte. Nadie, a partir de entonces, verá nada de mi trabajo, de mi tiempo desperdiciado. No conocerán de la preocupación que sentía porque todas mis clientas salieran satisfechas del salón. Ninguno sabrá del grado de ternura que me inspiró el muchacho al que lo obligaban a dedicarse al tráfico de drogas. Nadie de la angustia que me causaba oír llegar los amantes ajenos. Cuando caiga enfermo todos mis esfuerzos habrán sido inútiles (Bellatin, 2013: 82).

Nesse sentido, a iminência da morte já não é o que mais preocupa o cabeleireiro, mas o fim que tomará seu *moridero* quando ele finalmente sucumbir à doença:

Una base de color carne sería suficiente para hacer desaparecer las fastidiosas heridas. El maquillaje y la ayuda de una luz tenue. Ya me sucedió una vez. Lástima que no se trató de un trance amoroso, sino de una de las tantas Hermanas de la Caridad que vienen hasta las puertas del Moridero a ofrecer sus servicios. No quería que supieran que estoy enfermo. Sabía que aprovecharían cualquier señal de debilidad para tomar las riendas por completo. Y eso es algo que no voy a permitir. Me imaginé como sería este lugar manejado por gente así. Con me-

dicinas por todos lados, tratando inútilmente unas vidas ya elegidas por la muerte. Prolongando los sufrimientos bajo la apariencia de la bondad cristiana. Y lo peor, tratando de demostrar lo sacrificado que es la vida cuando se la ofrece a los demás. De ninguna manera quiero permitir que se haga esto en mi salón (Bellatin, 2013: 75).

Assim, é possível perceber o modo como o cabeleireiro, ao aceitar a morte como um elemento formador da vida, consegue criar um ambiente que foge aos padrões imunizados de sociedade com o enfrentamento desses instrumentos de dominação biopolítica através do contato visceral com a morte. Esses elementos demonstram a possibilidade, por meio da literatura, de reflexões e experiências que se podem dar no campo da ficção sobre a vida cotidiana e seus elementos formadores, sem a necessidade de vivê-los de fato.

Nesse sentido, esses e outros aspectos fazem da leitura de *Salón de Belleza* uma experiência única, uma apreciação estética, no campo do sensível, e, ainda, uma reflexão sobre a biopolítica com seus procedimentos de ingerência na vida cotidiana. O que prova ainda o fato de a literatura possuir o poder de ampliar as possibilidades de reflexão e visão sobre a vida via criação de universos ficcionais que promovem o diálogo entre o leitor e novas possibilidades de mundo além daquelas ao qual o indivíduo estaria submetido se inserido somente em sua vida cotidiana.

Referências bibliográficas

- Bellatin, M. (2013). *Salón de Belleza*. Santiago de Chile: Editorial Cuneta.
- Bataille, G. (2014). *O erotismo*. Belo Horizonte: Autentica Editora.
- Elias, N. (2001). *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Esposito, R. (2009). *Comunidad, inmunidad y biopolítica*. Barcelona: Herder Editorial.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- Maia, Antônio C. (2003). Biopoder, Biopolítica e o Tempo Presente. In: *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo/Org. Aduato Novaes*. São Paulo: Companhia das Letras.

Recepción: Agosto 9 de 2018
Aceptación: Febrero 12 de 2019

**Interpretextos**

22/Otoño de 2019, pp. 31-48

Matheus Taylor Souza Borges**Correio eletrônico:** matheustaylor0503@gmail.com

Brasileiro. Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com pesquisa financiada pela CAPES. Atualmente trabalha como professor de educação básica em instituições públicas e privadas de ensino no município de Araguari, Minas Gerais, onde ministra aulas de língua portuguesa e literatura. Atua na área de Literatura com ênfase em Literatura Hispânica e nas temáticas do erotismo, morte e biopolítica.